



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

O caminho das águas na poesia de Lívia Natália

The path of the waters in the poetry of Lívia Natália

Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Doutor em Letras pela UFPB. Mestre em Teoria da Literatura e Especialista em Literatura Brasileira pela UFPE.
Graduado em Letras pela FAFIRE. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa na UFRPE.

Resumo:

A produção literária afro-brasileira de autoria feminina cada vez mais reforça a presença das temáticas voltadas às crenças afro-brasileiras na Literatura Brasileira Contemporânea. Nos versos de Lívia Natália percebemos a devoção da voz poética à deusa das águas doces, o orixá feminino Oxum, entidade yorubá que representa a feminilidade, a fertilidade, a beleza, o amor e a maternidade. O objetivo de nosso estudo é desenvolver uma análise dos poemas da coletânea *Água Negra*, mostrando como o caminho das águas desenha os versos de Lívia Natália e dá voz a um discurso afro-feminino que corrobora com a religiosidade afro-brasileira a partir de uma poética que se constrói sob o comando do imaginário mitológico yorubá.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira de Autoria Feminina. Mitologia Yorubá. Poesia Contemporânea.

Abstract:

The Afro-Brazilian literature of feminine authorship reinforces evermore the themes directed toward the Afro-Brazilian beliefs in Contemporary Brazilian Literature. In the verses of Lívia Natália we perceive the devotion of the poetic voice toward the goddess of the fresh waters, the feminine orixa Oxum, the yoruba entity which represents femininity, fertility, beauty, love and maternity. The goal of our study is to develop an analysis of the poems of the *Água Negra* collection, showing how the path of the waters designs the verses of Lívia Natália and gives voice to an Afro-feminine discourse which corroborates with the Afro-Brazilian religiosity based on a poetic [system] which constructs through the demand of the yorubá mythological imagining.

Keywords: Afro-Brazilian Literature of Feminine Authorship. Yoruba Mythology. Contemporary Poetry.

Descobri que para mim,
ser mulher basta.¹
(Natália: 2011, p. 31)

Primeiro mergulho...

¹ NATÁLIA, Lívia. *Água Negra*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011. p. 31.

A produção literária de autoria feminina afro-brasileira na contemporaneidade cada vez mais aumenta a ciranda de vozes de mulheres que em seu passo firme fazem levantar a poeira de territórios ainda hoje marginalizados por questões políticas de repressão patriarcal que, na tentativa machista de comandar as relações de raça, classe e gênero; ainda invisibilizam textos de mulheres que, por meio de um discurso feminino e feminista, fortalecem um cânone literário construído para além das estruturas de exclusão e de valor.

Nesse bojo aqui chamado de cânone literário construído para além das estruturas de exclusão e de valor inserimos um segmento da Literatura Brasileira, o qual aqui optamos, como base nas reflexões de Eduardo Assis Duarte (2005, p.113), por chamar de Literatura Afro-Brasileira, uma vez que como bem endossa o pesquisador mineiro em tela:

A conformação teórica da literatura “afro-brasileira” ou “afro-descendente” passa, necessariamente, pelo abalo da noção de uma identidade nacional uma e coesa. E, também, pela descrença na infabilidade dos critérios de consagração críticas, presentes nos manuais que nos guiam pela história das letras aqui produzidas. Da mesma forma como constatamos viver no país da harmonia e da cordialidade, construídas sob o manto da pátria mãe gentil, percebemos, ao percorrer os caminhos da nossa historiografia literária, a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social.²

Na esteira do pensamento acima, acrescentamos que é dever da crítica literária contemporânea se despir de todo o eurocentrismo categórico que envolve a eleição de novas vozes moventes de um discurso literário que hasteia uma bandeira costurada por ideologias e estéticas territorializadas por um simbologia que ultrapassa o que está escrito e o que é estudado no universo comum da Literatura Brasileira, ou seja, os escritores mapeados pela historiografia literária imortalizados pela crítica literária machista e conservadora que desde a colonização portuguesa até hoje o mantiveram na vitrine arqueológica dos manuais de literatura.

É preciso buscar na produção literária contemporânea vozes que movam o ócio literário e rompam com o psicologicamente esperado pela crítica conservadora. Desse modo, podemos trazer para a cena da discussão uma poetisa baiana chamada Livia Natália:

Sou baiana de Salvador (1979) e, como boa filha de Osun, me criei nas dunas no Abaeté e, alimentada por Iemanjá, muito me banhei na poética praia de Itapuã. Talvez por isto as águas sejam meu grande tema em *Água Negra*, livro de estréia, premiado pelo Concurso Literário do Banco Capital (2011), e *Correntezas*, minha próxima publicação. Ser poeta e contista é a minha missão afetiva primordial, e isto me faz atenta às inutilidades de mundo. É a literatura que atravessa também a minha atuação profissional, professora vocacionada, ensino Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia, onde me titulei Doutora em Estudos Literários. Mas a literatura é anterior: quando criança não tinha grandes narrativas a contar na volta das férias, então inventava. Nasce aí a ficcionista. A poeta vem desde sempre, descosendo o mundo. E é esta intimidade com as palavras que atravessa as Oficinas de Criação literária que ministro e meu ser e estar no mundo.³

² DUARTE, Eduardo Assis. *Literatura, política, identidades (ensaios)*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 113. (Grifos do autor).

³ NATÁLIA, Livia. Disponível em <outrasaguas.blogspot.com.br>. Acesso em: 12 set. 2015. (Grifos nossos).

Contrariando a ordem dos manuais de historiografia literária tradicionais, damos voz à escritora para que ela mesma possa se apresentar e deixar vestígios em sua fala para possamos a partir da mesma começar a desenvolver algumas reflexões em torno. Percebemos que Livia Natália marca logo o seu território regional, de gênero e religioso quando afirma: “Sou baiana”; “filha de Osun”; “alimentada por Iemanjá”. A voz da escritora sugere que o seu discurso é fruto de interferências e inscrições poéticas orientadas por uma regionalidade formada por uma liturgia de matriz africana, a qual vai mover sua literariedade para um caminho banhado por águas doces e salgadas, águas que se chocam em uma temperatura se mistura por meio da mitologia yorubá que envolve as relações entre os orixás femininos Osun e Iemanjá.

Outro dado importante é o título da coletânea de poemas da referida escritora: *Água Negra* (2011). O livro possui 29 poemas distribuídos em três seções nomeadas de Odu Omim, expressão da língua nigeriana Yorubá que significa “o destino das águas”, composta por 14 poemas, dentro os quais o poema homônimo *Água Negra*; *Marés sem fim*, seção composta por 9 poemas; e *Desaguar*, seção composta por 6 poemas. Em todos poemas, evidenciamos um tom intimista através de uma voz feminina que, consciente da margem onde navega, pontua e desnuda seus anseios, dúvidas, sentimentos, devoções, críticas políticas, memórias, epifanias, melancolias, desejos, erotismo, feminilidade, entre tantos outros aspectos que nos fazem mergulhar nas águas que, comandadas por Osun e Iemanjá, dizem muito do ente estético e ideológico de Livia Natália.

Outro aspecto importante da apresentação feita por Livia Natália é sua relação anterior com a literatura “Mas a literatura é anterior: quando criança não tinha grandes narrativas a contar na volta das férias, então inventava”. A relação estabelecida pela contação de estórias, exercício muito comum aos escritores e às escritoras que compõem o cenário da Literatura Afro-brasileira é uma forma de marcar em seu discurso a herança do exercício da oralidade por causa das respectivas linhagens afrodescendentes, como bem coloca Zilá Bernd (2011, p.21), mantendo a necessidade de preservar patrimônios culturais de origem africana. Livia Natália entra na ciranda das escritoras afro-brasileiras da contemporaneidade, colocando sua voz na roda das oralituras (MARTINS: 1997, p.23).

Sob o fluxo das águas...

Consciente de que o livro de Livia Natália merece um estudo sobre todos os seus poemas, vamos eleger apenas quatro poemas da seção Odu Omim para desenvolver uma análise literária seguidora dos caminhos sugeridos para a passagens de águas abençoadas pelas entidades que as dominam, são eles: Osun Janaína; Asé; Abebé Omim e o poema homônimo *Água Negra*.

Osun Janaína

Descobri que para mim,
ser mulher basta.
Para puxar véus,
Levantar saias
Pintar as unhas de vermelho feroz-
mesmo que seja só para depois dizer: para.

Ou para ver dança des-contínua do seu corpo
sobre o meu (o meu oposto)
Pelo espelho que se emancipa
das paredes deste quarto
e desta tarde delicada.

Mas sempre ser mulher basta:
Posto que é inteiro e vão,
onda que bate na pedra e se despedaça
apenas para voltar inteira
-afogada-
num mar de (in)diferenças
onde cada gota solitária e única
forma um discurso descomposto,
cambiante,
plural:
Mesmo quando atiro sobre esta pedra,
que me rechaça.⁴

O título do poema sugere uma leitura que se volta para o âmbito do imaginário africano devido à presença do orixá feminino Osun e da variante umbandista do orixá Iemanjá cujo nome escolhido pela voz poética é Janaína. Desse modo, percebe-se um encontro de águas doces e salgadas que fundidas na ideologia feminista que perpassa todo o poema tornando singulares os dois primeiros versos do poema “Descobri que, para mim,/ ser mulher basta”, o que dá uma nova conotação ao tão citado “tornar-se mulher” da feminista francesa Simone Beauvoir. A transgressão desta voz feminina assegurada pelo verbo “basta” no segundo verso da primeira estrofe contraria o ponto que finaliza o verso quando em sequência paralela, a voz poética sugere uma crítica à sociedade burguesa patriarcal nas passagens “puxar véus” (crítica ao casamento judaico-cristão), “levantar saias” (crítica à virgindade simulada), “pintar unhas de vermelho feroz” (intensificação de mulher que critica o território selvagem e opressor).

Fazendo o discurso correr como água, a voz poética por meio do enjambement que se percebe pela sutileza da continuidade do mote feito nos dois primeiros versos seguindo como paralelismos marcados por espelho que move os corpos opostos em uma ambiguidade andrógena percebida pela intercalação “o meu oposto”, funcionando como uma sugestão para várias leituras, dentre as quais: o oposto sendo o sexo oposto; o reflexo no espelho movendo um desejo masturbatório; ou meu oposto, sendo um mesmo sexo metamorfoseado por “emancipa das paredes deste quarto” e “desta tarde delicada”, podendo tomar os substantivos “parede” e “tarde” em junção com o adjetivo “delicada” um movimento erótico marcado pelas coliterações entre t e d. O verso seguinte “Mas sempre basta ser mulher” intensifica pela adversidade a completude feminina tão peculiar às entidades que nomeiam este poema e orientam o fluxo das águas que movem esta voz poética feminina.

Retomando a filosofia drummondiana da pedra, a voz poética a coloca diante da “onda” que aparece no terceiro da terceira estrofe. A onda representa mobilidade do feminino sinalizada na

⁴ NATÁLIA, 2011, p. 31.

estrofe por meio da sequência “se despedaça/ apenas para voltar inteira”. Desse modo percebemos que as águas que correm neste poema demarcam do feminino que integraliza quando se considera uma gota de água capaz de mesmo afogada sobreviver às indiferenças de uma sociedade que tal qual uma pedra vai sendo perfurada pelas águas que gestam, sob às benções de Osun, uma hegemonia feminista fortalecida pela palavra.

Asé

Sou uma árvore de tronco grosso.
Minha raiz é forte,
nodosa,
originária,
betumosa como a noite.

O sangue,
ejé que corre caudaloso,
lava o mundo e alimenta
o ventre poderoso de meus Orixás.
A cada um deles dou de comer
um grânulo vivo do que sou
com uma fé escura.
(Borrão na escrita do deus de olhos docemente azuis)

Minha fé é negra,
e minha alma enegrece a terra
no ilá
que de minha boca escapa.

Sou uma árvore negra de raiz nodosa.
Sou um rio de profundidade limosa e calma.
Sou a seta e seu alcance antes do grito.
E mais o fogo, o sal das águas, a tempestade
e o ferro das armas.

E ainda luto em horas de sol obtuso
nas encruzilhadas.⁵

A palavra asé significa em yorubá força, fé, movimento. Livia Natália coloca asé na poesia afro-brasileira contemporânea, levando agora as águas em um percurso orientado pelas crenças tradicionais de matriz africana. Como baiana, a poetisa em sua apresentação se nomeia uma boa filha de Osun criada na lagoa de Abaeté.

A sugestão identitária afro-brasileira é intensificada pelo paralelismo em anáfora “Sou uma árvore de tronco grosso.”(na cultura africana a árvore de tronco grosso é considerada um orixá, uma divindade, um porto seguro para encontro com a ancestralidade, um ciclo bem definido, uma identidade construído pela força da natureza), ; “Sou uma árvore negra de raiz nodosa.” (mais uma

⁵ NATÁLIA, 2011, p. 33.

vez a árvore como símbolo de uma cultura fortalecida pelo ventre divino aqui elucidado pelo adjetivo “nodosa”; outro aspecto importante é a associação da raça à árvore através do adjetivo “negra”, posicionamento que não poderia deixar de aparecer em um poema de autoria feminina afro-brasileira, assim como o substantivo “raiz”, segmento da árvore negra que representa a relação da voz poética com a afrodescendência); “Sou um rio de profundidade limosa e calma” (mais uma vez Osun está presente na evocação da voz poética por meio da autodefinição com rio e dos atributos que remoram a deusa, ou seja, a profundidade, a limosidade, e a calma; características que estereotipam a feminilidade das águas abençoadas por Osun); “Sou a seta e seu alcance antes do grito.”(o tom feminista não poderia faltar em um poema incrementado pelo asé africano, a seta representa a virilidade masculina na cultura yorubá, aqui no poema sugere a força do asé feminino pela voz poética).

Ejé e ilá significam sangue e grito concomitantemente. Esta aparece no terceiro verso da terceira estrofe representando a força do feminino pelo grito. Aquele aparece no segundo verso da segunda estrofe representando a força feminina que se move pelo ventre, pela troca, pela fé, pela fome e pelo alimento.

O feminino se multiplica na enumeração do quinto verso da quarta estrofe “ E mais o fogo, o sal das águas, a tempestade e o ferro das armas”, ou seja Xangô, Iemanjá, Iansã e Ogum são deuses que movem a ordem cósmica e conspira em favor de uma voz poética que, incansável, ainda luta em um sol obtuso nas encruzilhadas (espaço de convergência e divergência, fluxo e refluxo, deuses e diabos, duplos, ambíguos, revérberos refletidos da inconstante dúvida que move a ignorância humana androcentrada).

Abebé Omin

Dança violenta e bela na crista de minha alma.
 Uma voz de água doce sussura
 nos meus ouvidos
 numa língua outra,
 de uma maternidade feita de ouro e mistério.
 Pisa no meu juízo com seus pés de peixes,
 naufrágios
 e profundezas.

Dança bruta e verdadeira no chão de minha alma,
 prepara meu corpo para ser sua morada:
 vomito quílicas e fico de novo límpida e casta.
 Lava meus pés com seus cabelos de água,
 lava meu ventre,
 minhas mãos...
 Se põe inteira ante mim
 na proporção exata e necessária,
 preenchendo tudo com seu castanho cristalino.

A mim tudo deu e tudo dará,

e entrego dourada e rubra minha cabeça a teus pés,
para que aqui caminhe,
habite,
deite
e viva,
agora e sempre,
dentro desta lagoa funda e branda,
neste rio que corre de mim a mim.⁶

Abebé Omim é uma expressão yorubá que significa espelho de água. Este poema é uma das mais belas invocações para Osun já registradas em forma de poema. Arriscaríamos aqui nomear esta forma de poema invocação. Poema por ser um texto em versos; invocação por se configurar como um chamado à deusa yorubá em socorro de uma voz poética que se intensifica quando abençoada e movida pelas águas que banham o colo maternal da própria deusa.

Sabe-se que o espelho é um dos instrumentos utilizados pela deusa Osun para seus encantamentos, para rememorar sua intensa vaidade, sua admiração pela beleza feminina, seu poder sobre a luminosidade das águas. O espelho também significa para Osun o controle sobre as águas, seja para turbiná-las e acalmá-las. Além disso, o espelho é um objeto utilizado para dançar, movimentar o corpo e fazer com que os reflexos se multipliquem e torne o corpo da deusa ainda mais desejado.

Não é por acaso que a voz poética inicia duas estrofes como verbo dançar. “Dança violenta e bela na crista da minha alma” e “Dança bruta e verdadeira no chão da minha alma,/ prepara meu corpo para ser tua morada..” são versos que immortalizam o transe da deusa no corpo fictício da voz poética.

Sendo um poema invocação culmina com o agradecimento ao sagrado como se observa em “A mim tudo deu e tudo dará”. As águas neste poema correm para um fluxo íntimo de relação com o sagrado, como podemos notar em “rio que corre de mim em mim”, rememorando o enigma rosiano da terceira margem. Na voz de Livia Natália, a terceira margem possivelmente é um encontro do eu poético feminino com “uma maternidade feita de ouro e mistério”, um epíteto poético à altura de grandiosidade e generosidade da deusa Osun.

Água Negra

Chove muito na cidade.
No asfalto betuminoso um sangue transparente,
ora de um rubro desencarnado,
ora encardido de um cinza nebuloso,
é vomitado com cólicas
por toda a parte.

Das paredes duras vaza um mais escuro que,

⁶ NATÁLIA, 2011, p. 35.

Imagino,
seja a água mordendo as estruturas.

A água é assim:
atizada do céu,
infinita no mar,
nômade no chão pedregoso,
presa no fundo de um poço imenso:

A água devora tudo
com seus dentes intangíveis.⁷

Este poema é homônimo e encerra a primeira seção de poemas nomeada Odu Omim. Água Negra é um poema que em seu próprio título já sugere um eixo temático possível de reflexão: questões de gênero e de raça respectivamente. Também é oportuno colocar que o escurecimento da água a transforma em um espelho, o que nos relembra o quadro de Narciso de Caravaggio. A imagem mostra o traço delicado do pintor italiano para manter na tela a sugestão de que escuridão das águas fez Narciso encontrar no reflexo de sua imagem o curso para a sua morte. Da mesma forma, notamos este fluxo quando nos deixamos conduzir, através da voz poética, pelo rastro de sangue que não penetra no asfalto.

A presença da morte, tal qual acontece com Narciso, presentifica-se nos versos “ora de um rubro desencarnado,/ ora encardido de um cinza nebuloso,/ é vomitado em cólicas/ por toda a parte.” O rubro desencarnado pressupõe que saiu da carne, por sua vez detentora de vida, assim como o cinza nebuloso cromatiza ainda mais a ideia melancólica da morte que deixa suas pegadas no poema tanto pelo rastro de sangue como pelo eco em s notada nas palavras “asfalto betumoso...sangue transparente.... nebuloso...cólicas”.

Também é possível dizer que em “é vomitado em cólicas”, a voz poética nos incute a imaginar um provável aborto que pode ser duplamente interpretado: o aborto da palavra que como grito é expelido como um protesto em relação às tantas invasões sociais a que o feminino é contrariadamente exposto; e o aborto materno causado muitas vezes pelo dor das ocorrências e dos traumas irreparáveis à condição feminina.

Neste poema, água segue o curso do sangue no sentido de mostrar que seus dentes invisíveis furam, mesmo que sem ser notados, a pedra mais dura, a consciência mais inconsciente, a política patriarcal, o machismo burguês, as estruturas de exclusão, de valor e de poder; como se nota nos últimos versos “A água devora tudo com seus dentes intangíveis”

Por tantas águas...

A poesia de Livia Natália mergulha no fluxo contemporâneo da Literatura Afro-brasileira de autoria feminina, fortalecendo e legitimando uma produção literária já há muita executada por escritoras como Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Ana Maria

⁷ NATÁLIA, 2011, p. 39.

Gonçalves, Leda Martins, Mãe Beata de Iemanjá, Jacqueline Conceição (Obá Negraline), Elaine Marcelina, entre tantas outras vozes femininas afro-brasileiras que militam por meio da Literatura.

Trazendo poeticamente um fluxo de águas comandadas e abençoadas por Osun e todo panteão Yorubá, Livia Natália faz de sua poesia mar, rio, correntezas e marés que permitem o tráfego de discussões políticas que enfatizam as relações de raça, classe e gênero por de problematizações de temas como: crenças de matriz africana, maternidade, casamento, traição, políticas de afirmação, memória oral, afrodescendência, aborto, entre tantas outras correntezas.

O livro de poemas *Água Negra* é ainda pouco visitado pela crítica contemporânea e necessita ser colocado na arena de discussões que envolvem a Literatura Afro-brasileira de autoria feminina. Deixamos a sugestão para um próximo mergulho pelas tantas águas que pela voz poética de Livia Natália se movem.

Referências

BERND, Zilá. *Antologia de poesia Afro-Brasileira*. 150 anos de consciência negra no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

DUARTE, Eduardo Assis. *Literatura, política, identidades* (ensaios). Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2005.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

NATÁLIA, Livia. *Água Negra*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011.